



Economia da Funcionalidade e da Cooperação: fundamentos, experiências e trajetórias de transformação territorial.

Relatos e Perspectivas dos Seminários da Economia da Funcionalidade e Cooperação de Maricá (2022 a 2025).



Economia da Funcionalidade e da Cooperação: fundamentos, experiências e trajetórias de transformação territorial.

Relatos e Perspectivas dos Seminários da Economia da
Funcionalidade e Cooperação de Maricá (2022 a 2025).

Francisco José de Castro Moura Duarte | Autor(a) | Brasil

Barbara de Macedo Passos Oggioni | Autor(a) | Brasil

Ricardo Silveira de Oliveira Filho | Autor(a) | Brasil

Luckas Hermann Terra Bruce Kind | Autor(a) | Brasil

Rute Ferreira Marcolino de Oliveira | Autor(a) | Brasil

Aline Gomes Costa | Autor(a) | Brasil

Camilla Azevedo Mamedio | Autor(a) | Brasil

Thiago Medeiros Fonseca | Autor(a) | Brasil

Ludmila Valente Fraga Maia | Projeto Gráfico | Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Economia da funcionalidade e da cooperação :
fundamentos, experiências e trajetórias de
transformação territorial [livro eletrônico] :
relatos e perspectivas dos seminários da
economia da funcionalidade e da cooperação de
Maricá (2022 a 2025). -- Rio de
Janeiro : Ed. dos Autores : Programa de
Engenharia de Produção - COPPE/ UFRJ, 2026.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-02-33930-5

1. Economia 2. Ecossistemas - Aspectos sociais
3. Ergonomia 4. Sustentabilidade.

26-392072.0

CDD-330

Índices para catálogo sistemático:

1. Economia 330

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638



SUMÁRIO

Introdução	8
1. O 4º Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação em Maricá - 2025	10
• Ecossistemas Cooperativos Territorializados: etapas, temporalidade e organização	11
• O acompanhamento dos Ecossistemas Cooperativos Territorializados na experiência do Baobab	13
• O Ecossistema Cooperativo Territorial de Alimentação Saudável em Maricá: a experimentação como dispositivo de construção da cooperação	14
• A experiência de Versalles (Colômbia): governança comunitária e cooperação na gestão dos serviços públicos	16
• Experiências brasileiras de Ecossistemas Cooperativos Territorializados: Belo Horizonte e Careiro	18
• Cooperação entre produção e consumo: experiências para a construção do bem viver alimentar	20
• Comercialização, cooperação e desenvolvimento territorial: novas formas de construir mercados	22
• A criação do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação	24
• Workshops	26
<i>Dinâmica da Transição Econômica – Jogo da Transição Econômica</i>	26
<i>O que é a Economia da Funcionalidade e da Cooperação</i>	27
<i>Metodologias de construção de um Ecossistema Cooperativo Territorializado</i>	27
<i>Organização reflexiva e a governança dos Ecossistemas Cooperativos Territorializados</i>	28
2. O 3º Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação em Maricá - 2024	30
• A transição e a centralidade do trabalho na articulação dos desafios ecológicos, econômicos e sociais	32
• Ecossistemas Cooperativos Territoriais, governança e organização: a experiência da Butinerie	33
• Conduzir uma ação de transformação em EFC: dispositivos, métodos e suportes	35
• Vivências gastronômicas com insumos advindos do território de Maricá	36



• O projeto ECT Maricá: da teoria à experimentação	37
• Experiências latino-americanas de cooperação territorial	39
• Caminhos para um ecossistema cooperativo no campo da cultura	40
• A rede de feirantes Afemaricá e o território	41
• A neo industrialização: uma indústria a serviço da sociedade	41
• A criação do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação e encerramento do evento	42
• Lançamento dos livros “A FINEP e a neoindustrialização – uma contribuição à 5ª CNCTI” e “A FINEP e a neoindustrialização – startups, deep techs e seus ecossistemas, uma contribuição à 5ª CNCTI”	43
• Workshops	44
<i>Dinâmica da Transição Econômica – Jogo da Transição Econômica</i>	44
<i>O que é a Economia da Funcionalidade e da Cooperação</i>	44
<i>Metodologias de construção de um Ecossistema Cooperativo Territorializado</i>	45
<i>Organização reflexiva e a governança dos Ecossistemas Cooperativos Territorializados</i>	45
<i>A confiança como força transformadora</i>	46
• Alimentação durante o evento	46
• Jantares pós eventos – Experimentação: Banquete da confiança	47
• Visitas técnicas pós seminário	48
3. Seminários anteriores	50
• 1º Seminário EFC Maricá – 2022	50
• 2º Seminário EFC Maricá – 2023	50
4. O projeto Ecossistemas Cooperativos e Desenvolvimento Local na Cidade de Maricá (Projeto ECT Maricá)	52
5. Perspectivas	54



INTRODUÇÃO

Os **Seminários da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC)** integram um projeto mais amplo desenvolvido pelo Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ, por intermédio da Fundação COPPETEC, em parceria com o Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM), intitulado Ecossistemas Cooperativos e Desenvolvimento Local na cidade de Maricá. O projeto tem como objetivo apoiar a construção e a consolidação de Ecossistemas Cooperativos Territorializados (ECTs) no município de Maricá.

A construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados pressupõe um processo contínuo de reflexão coletiva sobre os usos, os modos de vida, as formas de organização do trabalho e as possibilidades de construção de soluções integradas para os desafios do território (Du Tertre et al., 2019). Para isso, torna-se fundamental promover espaços de diálogo capazes de reunir atores públicos, privados, associativos e da sociedade civil, favorecendo o compartilhamento de experiências, a construção de confiança e a reflexão sobre o valor de uso dos bens e os efeitos úteis dos serviços.

Nesse contexto, os Seminários da Economia da Funcionalidade e da Cooperação constituem um espaço privilegiado para a difusão dos referenciais da EFC, a apresentação de experiências nacionais e internacionais e a reflexão coletiva sobre a construção de novos modelos de desenvolvimento territorial. Ao longo de suas quatro edições, os seminários acompanharam a própria evolução do projeto ECT Maricá, aprofundando progressivamente as discussões teóricas e metodológicas sobre a construção de ecossistemas cooperativos.

- Em 2022, o 1º Seminário da EFC de Maricá, evento de abertura do projeto, discutiu caminhos para o Bem Viver Alimentar por meio da transição de modelos econômicos;
- Em 2023, o 2º Seminário da EFC de Maricá debateu as novas abordagens econômicas territoriais e as dinâmicas de relação com o trabalho em um contexto de transição do atual modelo industrial, financeirizado e globalizado.
- Em 2024, o 3º Seminário da EFC de Maricá refletiu sobre os caminhos para a transição ecológica e societal, propondo a articulação entre os desafios ecológicos, econômicos, sociais e territoriais na construção de modelos de desenvolvimento mais sustentáveis.
- Em 2025, o 4º Seminário da EFC de Maricá aprofundou o debate sobre a construção dos Ecossistemas Cooperativos Territorializados (ECTs), discutindo suas etapas, temporalidades e formas de organização, com foco na promoção da cooperação, da governança e da construção coletiva de soluções para os territórios.



Esta publicação reúne os principais relatos, reflexões e aprendizados produzidos ao longo dessas quatro edições, evidenciando a evolução do debate desde a apresentação dos fundamentos da Economia da Funcionalidade e da Cooperação até a discussão dos métodos e estratégias para a construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados.

Este livro está organizado em cinco capítulos. O Capítulo 1 apresenta os principais debates e experiências do 4º Seminário Internacional da EFC de Maricá, realizado em 2025. O Capítulo 2 reúne os relatos e reflexões do 3º Seminário, realizado em 2024. O Capítulo 3 revisita as duas primeiras edições do evento, sintetizando as contribuições do 1º Seminário, em 2022, e do 2º Seminário, em 2023. O Capítulo 4 apresenta o projeto Ecossistemas Cooperativos e Desenvolvimento Local na cidade de Maricá (ECT Maricá), descrevendo seu percurso, seus fundamentos e as ações desenvolvidas para a consolidação de Ecossistemas Cooperativos Territorializados no campo da alimentação saudável. Por fim, o capítulo 5, traz as perspectivas futuras para a consolidação e expansão dos conceitos da Economia da Funcionalidade e da Cooperação e da Criação e Ecossistemas Cooperativos Territorializados em Maricá.

Ao registrar esse percurso, esta publicação busca não apenas documentar os debates realizados, mas também contribuir para a disseminação de conhecimentos, métodos e experiências voltados à construção de modelos de desenvolvimento territorial mais cooperativos, sustentáveis e comprometidos com a valorização do trabalho, da vida e dos territórios.

1 O 4º Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação em Maricá - 2025

O 4º seminário da EFC Maricá ocorreu nos dias 09 e 10 de dezembro de 2025, no Rotary Club Maricá, reunindo pesquisadores nacionais e internacionais, gestores públicos, representantes de organizações da sociedade civil, produtores rurais, empreendedores e demais atores envolvidos na construção do Ecosistema Cooperativo Territorial de Maricá.

A mesa de abertura foi que composta pelo professor Francisco Duarte (COPPE/ UFRJ), Claudio Gimenez (ICTIM) e Celso Pansera (CODEMAR) apresentou o tema central do evento — Ecosistemas em construção: etapas, temporalidade e organização — e aprofundou a reflexão sobre os desafios envolvidos na construção de Ecosistemas Cooperativos Territorializados (ECTs). As discussões evidenciaram que o desenvolvimento desses ecossistemas não decorre da simples articulação entre diferentes organizações, mas de um processo contínuo de cooperação, aprendizagem coletiva e construção de novos modos de organização capazes de responder aos desafios sociais, ecológicos e econômicos dos territórios.

Na abertura institucional, o professor Francisco Duarte (COPPE/ UFRJ) contextualizou o percurso desenvolvido pelo projeto ECT Maricá ao longo dos últimos quatro anos, destacando que a construção de um ecossistema cooperativo exige reunir atores com interesses, conhecimentos e responsabilidades distintas em torno de um projeto coletivo.



Abertura do evento: Claudio Gimenez, Celso Pansera e Francisco Duarte



Nesse contexto, ressaltou que o principal desafio consiste em compreender quais são as etapas, as temporalidades e os dispositivos organizacionais necessários para favorecer o desenvolvimento desses ecossistemas em escala territorial. Também foi anunciada a criação do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação, iniciativa voltada ao fortalecimento das ações de pesquisa, formação e intervenção relacionadas à EFC no Brasil.

Complementando essa discussão, Claudio Gimenez, presidente do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM) e Celso Pansera, presidente da Companhia de Desenvolvimento de Maricá (Codemar), enfatizaram o papel de Maricá como território de experimentação para novas formas de desenvolvimento econômico. Os representantes do ICTIM e da CODEMAR destacaram a importância da aproximação entre universidade, poder público e organizações locais, apontando que a criação do Parque Tecnológico e do futuro Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação constitui uma oportunidade para consolidar um ambiente permanente de inovação voltado à chamada “economia das pessoas”, capaz de integrar desenvolvimento econômico, sustentabilidade e qualidade de vida.

DADOS:

- **Título:** Ecossistemas em construção: etapas, temporalidade e organização. 4º Seminário da Economia da Funcionalidade e Cooperação de Maricá.
- **Data:** 9 e 10 de dezembro de 2025
- **Local:** Rotary Club de Maricá. Rua Pastor Alcione Sobral Neto, 5 – Caxito / Itapeba, Maricá
- **Site:** www.ecossistemasmarica.com.br
- **Transmissão ao vivo:** <https://www.youtube.com/@ClubeEFCRio>
- **Visitas técnicas:** Fazenda Pública Joaquim Piñero, Praça Agroecológica de Araçatiba, Empório I Piatti - dia 11 de dezembro de 2025
- **Entidades Organizadoras:** Programa de Engenharia de Produção, COPPE/ UFRJ; Clube EFC Rio; Gastronomia/ UFRJ e ICTIM
- **Entidades financiadoras:** ICTIM, FAPERJ, CNPq e FINEP

Ecossistemas Cooperativos Territorializados: etapas, temporalidade e organização

Na conferência de abertura do 4º Seminário Internacional da Economia da Funcionalidade e da Cooperação de Maricá, Christian du Tertre retomou os fundamentos da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC) para discutir os desafios contemporâneos da transição ecológica e societal. O pesquisador argumentou que, apesar de mais de três décadas de investimentos em tecnologias ambientais e da crescente preocupação internacional com as mudanças climáticas, os principais indicadores ecológicos continuam se deteriorando. Para ele, essa situação evidencia que os problemas ambientais não podem ser enfrentados apenas por meio de soluções tecnológicas, pois têm origem na própria dinâmica econômica que organiza a produção, o consumo e as relações so-

ciais. Nesse contexto, a EFC propõe deslocar o foco da discussão da inovação tecnológica para a transformação dos modos de desenvolvimento econômico e das formas de organização do trabalho.

Du Tertre destacou que a Economia da Funcionalidade e da Cooperação não constitui um modelo econômico acabado, mas um processo de transição capaz de orientar diferentes trajetórias de transformação. Em vez de substituir um sistema por outro de maneira imediata, a EFC busca criar condições para que organizações, territórios e coletivos desenvolvam progressivamente novas formas de produzir valor. Esse processo pressupõe articular sustentabilidade ecológica, redução das desigualdades sociais e territoriais e melhoria das condições de vida, considerando simultaneamente as necessidades materiais da população e recursos imateriais, como confiança, conhecimento, saúde, cultura e cooperação. Segundo o pesquisador, esses recursos tornam-se estratégicos para



Christian Du Tertre

enfrentar a complexidade crescente dos problemas contemporâneos e constituem a principal fonte de criação de valor em uma economia voltada às funcionalidades da vida.

Outro aspecto central da conferência foi a discussão sobre a construção de uma doutrina da EFC. Para o autor, essa doutrina combina três dimensões complementares: um conjunto de conceitos capazes de interpretar as transformações em curso; metodologias de ação voltadas à condução de processos de mudança; e novos dispositivos institucionais que permitam sustentar essas transformações ao longo do tempo. Nesse sentido, ressaltou que a pesquisa deve assumir um caráter interventivo, articulando pesquisadores, profissionais e atores territoriais na produção coletiva de conhecimento. A criação do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação foi apresentada como um exemplo desses novos dispositivos institucionais, capazes de aproximar universidade, organizações e sociedade em torno da construção de processos permanentes de experimentação e aprendizagem coletiva.



Ao abordar a trajetória da EFC na França, Du Tertre apresentou uma reflexão crítica sobre as experiências desenvolvidas desde o início dos anos 2000. Relatou que as primeiras iniciativas concentraram-se em grandes empresas, buscando conciliar desempenho econômico e sustentabilidade. Entretanto, observou que a predominância da lógica da rentabilidade financeira, a inserção dessas organizações em cadeias globais de valor e seus modelos de governança limitaram significativamente as possibilidades de transformação. Em resposta a esses limites, a EFC passou a concentrar seus esforços em pequenas e médias empresas, organizações locais e redes territoriais, nas quais foi possível construir processos mais duradouros de cooperação e experimentação. Ainda assim, o pesquisador ressaltou que persistem importantes desafios, como o individualismo empresarial, a dificuldade de inserção das organizações em projetos territoriais e a necessidade de desenvolver formas alternativas de financiamento e governança.

Na parte final da conferência, Christian du Tertre apresentou os Ecossistemas Cooperativos Territorializados como o principal eixo contemporâneo de desenvolvimento da Economia da Funcionalidade e da Cooperação. Diferentemente de iniciativas centradas apenas em produtores ou consumidores, os ECTs buscam estruturar processos permanentes de cooperação entre todos os atores envolvidos na produção das funcionalidades da vida, incluindo produtores, beneficiários, instituições públicas, pesquisadores e organizações intermediárias. Para o pesquisador, a consolidação desses ecossistemas depende da construção de organizações reflexivas capazes de promover o compartilhamento das experiências, reconhecer o trabalho realizado e fortalecer relações de confiança entre os participantes. A reflexividade, entendida como a capacidade coletiva de analisar continuamente as dificuldades encontradas e aprender com a própria experiência, foi apresentada como condição indispensável para sustentar processos de transformação territorial de longo prazo.

O acompanhamento dos Ecossistemas Cooperativos Territorializados na experiência do Baobab

Na segunda conferência da mesa de abertura, Emmanuel Nicolau apresentou a experiência da associação Baobab, sediada em Saint-Nazaire, na França, dedicada ao acompanhamento da construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados (ECTs). Criada por cidadãos mobilizados pelos desafios ecológicos e sociais do território, a associação atua como uma estrutura intermediária voltada à articulação entre empresas, organizações sociais, instituições públicas, universidades e coletivos locais, apoiando processos de cooperação capazes de responder às necessidades do território. Inserida nos referenciais da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC), a Baobab desenvolve atividades de sensibilização, formação, mediação e acompanhamento de projetos, contribuindo para a construção de novas formas de organização econômica baseadas na cooperação e na valorização dos recursos territoriais.

Como exemplo dessa atuação, Nicolau apresentou o ecossistema Low Orange, iniciativa que surgiu a partir da proposta de uma empresa de limpeza interessada em produzir um detergente ecológico utilizando cascas de laranja descartadas por estabelecimentos comerciais da região. A partir dessa demanda, a Baobab articulou diferentes organizações do território — entre elas hotéis, uma mercearia de produtos orgânicos, uma empresa de cosméticos naturais, instituições de ensino superior, empreendedores liga-

dos às tecnologias de baixa complexidade (low tech) e organizações voltadas à inserção profissional – construindo uma solução integrada que extrapolou o desenvolvimento do produto. A experiência evidenciou que o principal resultado do ecossistema não reside no detergente produzido, mas na criação de novas relações de cooperação, na valorização de resíduos como recursos, na inclusão social e na geração de benefícios ambientais, econômicos e sociais compartilhados entre os participantes.

A partir dessa experiência, Emmanuel Nicolau sistematizou as principais funções desempenhadas por organizações responsáveis pelo acompanhamento de Ecossistemas



Emmanuel Nicolau

Cooperativos Territorializados. Entre elas destacam-se a identificação de oportunidades de cooperação, a mobilização de atores com competências complementares, a mediação entre diferentes interesses, a garantia da qualidade dos processos cooperativos e a valorização dos recursos materiais e, sobretudo, imateriais produzidos coletivamente. Segundo o palestrante, essa atuação exige um trabalho perma-

nente de observação, escuta, negociação e aprendizagem, favorecendo a construção de confiança entre os participantes e criando condições para que novas iniciativas possam emergir ao longo do desenvolvimento do ecossistema. Dessa forma, o acompanhamento deixa de ser entendido como uma atividade de coordenação administrativa e passa a constituir uma função estratégica para a condução da transformação territorial.

Ao concluir sua apresentação, Nicolau ressaltou que os Ecossistemas Cooperativos Territorializados não seguem modelos previamente definidos, mas evoluem de maneira progressiva, incorporando continuamente novos atores, recursos e oportunidades identificadas durante o próprio processo de cooperação. Nessa perspectiva, a construção do ecossistema depende menos da execução de um planejamento rígido do que da capacidade de promover organizações reflexivas, nas quais os participantes compartilham experiências, analisam coletivamente os desafios encontrados e redefinem continuamente seus modos de atuação. A experiência do Baobab demonstra, assim, a importância das organizações intermediárias como dispositivos capazes de sustentar processos de cooperação de longo prazo e fortalecer a capacidade dos territórios de construir soluções coletivas para desafios complexos.

O Ecossistema Cooperativo Territorial de Alimentação Saudável em Maricá: a experimentação como dispositivo de construção da cooperação

A mesa dedicada ao Ecossistema Cooperativo Territorial de Alimentação Saudável teve



Mesa de debate do projeto ECT Maricá: Barbara Oggioni, Luckas Bruce, Ivan Bursztyn, Sandra Cardoso, Marcos Santana, Andrei Bentes e Francisco Duarte.

a participação dos pesquisadores Barbara Oggioni, Luckas Bruce, Ivan e Francisco Duarte, além dos atores do projeto ECT Andrei Bentes, Marcos Santana e Sandra Cardoso. Apresentou os avanços do projeto desenvolvido em Maricá desde seu início, em 2022, destacando a experimentação como principal estratégia para a construção da cooperação entre os diferentes atores do território. Inserido nas políticas municipais voltadas à transição de uma economia dependente dos royalties do petróleo para um modelo baseado na inovação social e no bem viver, o projeto busca estruturar um Ecossistema Cooperativo Territorializado (ECT) capaz de articular produtores agroecológicos, restaurantes, organizações da sociedade civil, instituições públicas, cooperativas e pesquisadores em torno da alimentação saudável como uma funcionalidade do território. As apresentações evidenciaram a articulação entre os referenciais da Economia da Funcionalidade e da Cooperação e da Ergonomia da Atividade, combinando a compreensão do trabalho real com a criação de dispositivos coletivos voltados à construção de novas formas de organização territorial.

Ao longo da mesa foi apresentada a trajetória metodológica adotada pela equipe de pesquisa, estruturada em três momentos complementares: o reconhecimento do território, a constituição do grupo piloto e o desenvolvimento de experimentações. O processo iniciou-se pelo mapeamento dos atores locais, visitas de campo, entrevistas e fóruns de sensibilização, permitindo compreender a atividade desenvolvida pelos diferentes participantes e suas relações com o território. Na etapa seguinte, o acompanhamento sistemático do trabalho de produtores, restaurantes e demais organizações possibilitou revelar restrições, necessidades e potencialidades frequentemente invisíveis, criando condições para que os participantes passassem a conhecer o trabalho uns dos outros e construíssem objetivos compartilhados. A experimentação foi apresentada como a principal ferramenta metodológica do projeto, organizada em três momentos – preparação, realização e retorno de experiência (REX) – nos quais as situações vividas são

analisadas coletivamente, produzindo aprendizagens que orientam as ações seguintes e fortalecem a organização reflexiva do ecossistema.

As experimentações desenvolvidas ao longo do projeto ilustraram essa abordagem. Após os primeiros aprendizados obtidos com os jantares realizados durante o III Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação, a equipe estruturou o Circuito Colheita de Sabores de Itaipuaçu, concebido não como um evento gastronômico, mas como um dispositivo para ampliar a cooperação entre agricultores, restaurantes, universidade e demais organizações do território. A escolha da abóbora como ingrediente central, motivada pela sazonalidade da produção local, deu origem a um conjunto de atividades que incluiu oficinas culinárias, visitas às unidades de produção, reuniões de planejamento e ações de formação sobre os princípios da Economia da Funcionalidade e da Cooperação. A parceria com o projeto Comida de Origem, coordenado por Ivan Bursztyn, reforçou essa perspectiva ao discutir os desafios da incorporação de alimentos locais na gastronomia e demonstrar que a valorização da produção agroecológica depende também da construção de novas competências técnicas, organizacionais e relacionais entre produtores e cozinheiros.

Os depoimentos dos participantes evidenciaram que o principal resultado das experimentações não esteve relacionado apenas à comercialização dos produtos ou ao sucesso das atividades realizadas, mas à construção gradual de relações de confiança entre agricultores, restaurantes, pesquisadores e consumidores. A convivência proporcionada pelas oficinas, pelas vivências no campo e pelos momentos de reflexão coletiva favoreceu o reconhecimento das competências e das dificuldades enfrentadas por cada ator, transformando a compreensão sobre o trabalho e fortalecendo o compromisso com o desenvolvimento territorial. Nesse sentido, a experiência demonstrou que a cooperação não emerge espontaneamente da aproximação entre organizações, mas precisa ser construída por meio de situações concretas de trabalho compartilhado, nas quais o retorno de experiência e a aprendizagem coletiva permitem produzir novos recursos materiais e, sobretudo, imateriais para o território. As experimentações consolidam-se, assim, como um dos principais dispositivos metodológicos para a condução dos Ecossistemas Cooperativos Territoriais, articulando pesquisa, intervenção e transformação social.

A experiência de Versalles (Colômbia): governança comunitária e cooperação na gestão dos serviços públicos

A palestra apresentou a experiência do município de Versalles, no departamento de Valle del Cauca, Colômbia, reconhecido pela gestão comunitária dos serviços públicos de saneamento e resíduos sólidos. A apresentação foi conduzida por Gloria Amparo Giraldo, integrante da cooperativa Camino Verde APC, e introduzida por Marcelo Souza (UFMG), que contextualizou a experiência como uma referência para a construção de Ecossistemas Cooperativos Territoriais. A trajetória de Versalles teve início diante de uma situação de precariedade na prestação dos serviços públicos, marcada pela irregularidade no abastecimento de água, ausência de tratamento de esgoto e descarte inadequado de resíduos. A mobilização da comunidade para enfrentar esses problemas resultou, em 2007, na criação da Camino Verde APC, uma Administração Pública Cooperativa responsável por assumir a gestão integrada desses serviços e promover uma nova forma de organização baseada na corresponsabilidade entre poder público, organizações locais e população.

A cooperativa reúne dezoito organizações representativas do território, entre elas associações comunitárias, cooperativas agrícolas, escolas, instituições de saúde, meios de comunicação e entidades públicas, configurando um modelo de governança compartilhada. Além da operação dos sistemas de abastecimento de água, esgotamento sanitário e gestão de resíduos, a Camino Verde desenvolve ações permanentes de educação



Gloria Naranjo e Marcelo Souza

ambiental, inclusão de catadores, compostagem dos resíduos orgânicos, reciclagem e valorização dos recursos locais. A experiência demonstra que a prestação dos serviços públicos pode ser compreendida como uma construção coletiva, na qual diferentes atores compartilham responsabilidades e produzem benefícios que ultrapassam os resultados operacionais, fortalecendo vínculos comunitários e promovendo o desenvolvimento territorial.

Ao longo da apresentação, Gloria Giraldo destacou que a sustentabilidade da cooperativa depende da articulação entre diferentes formas de geração de valor. O financiamento combina tarifas dos usuários, comercialização de materiais recicláveis, composto orgânico e biofertilizantes, prestação de serviços técnicos, contribuições das organizações associadas e parcerias com o poder público. Mais do que um modelo econômico diversificado, essa estrutura expressa uma lógica cooperativa, na qual recursos financeiros, conhecimentos, infraestrutura e capacidades organizacionais são compartilhados entre os participantes. A criação da Loja da Reciclagem, que concede créditos aos moradores pela entrega de materiais recicláveis, exemplifica como mecanismos de incentivo podem fortalecer o engajamento da população e consolidar uma cultura de participação na gestão do território.

Ao refletir sobre a trajetória da Camino Verde, a palestrante destacou que os principais resultados alcançados ao longo de quase duas décadas vão além da melhoria dos indicadores de saneamento. A consolidação de uma cultura de educação ambiental, o fortalecimento

lecimento das relações entre comunidade e instituições, o reconhecimento do trabalho coletivo e a formação de novas gerações comprometidas com a preservação do território foram apontados como conquistas fundamentais do processo. Também foram discutidos desafios relacionados às mudanças na administração pública, à necessidade de manter investimentos em infraestrutura e à ampliação da atuação da cooperativa para outros municípios colombianos. A experiência de Versalles evidencia que a construção de soluções sustentáveis para problemas complexos depende da criação de organizações intermediárias capazes de articular interesses diversos, fortalecer a cooperação e transformar serviços públicos em instrumentos de desenvolvimento territorial

Experiências brasileiras de Ecossistemas Cooperativos Territorializados: Belo Horizonte e Careiro

A mesa reuniu duas experiências brasileiras de construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados desenvolvidas em contextos bastante distintos, mas orientadas por um mesmo desafio: promover novas formas de cooperação capazes de responder às necessidades do território. Apresentou a trajetória do projeto desenvolvido em Belo Horizonte no campo da gestão de resíduos sólidos, enquanto Moisés Coelho (UFAM) expôs a experiência da Rede de Produtores Agroecológicos do Careiro (REPAC), no Amazonas. O professor Francisco Lima (UFMG) foi o debatedor da mesa. Embora inseridos em realidades sociais, econômicas e ambientais diferentes, ambos os casos evidenciaram como a Ergonomia da Atividade pode contribuir para compreender o trabalho real, revelar as interdependências entre os atores e apoiar processos coletivos de transformação territorial.



Debate após a apresentação da mesa "O ECT no Brasil"

Segundo William, na experiência de Belo Horizonte, a intervenção teve início junto às cooperativas de catadores de materiais recicláveis, buscando compreender a atividade desenvolvida nos galpões de triagem e melhorar suas condições de trabalho. Entretanto, a análise da atividade revelou que muitos dos desafios enfrentados pelos trabalhadores não se restringiam ao ambiente produtivo, mas estavam relacionados à própria



William Azalim e Moisés Coelho

organização da cadeia da reciclagem e ao reduzido reconhecimento social e econômico do trabalho dos catadores. A partir dessa constatação, o projeto ampliou seu escopo de atuação e passou a construir novas formas de cooperação entre cooperativas, moradores, escolas, comerciantes e organizações locais, dando

origem aos Núcleos Lixo Zero. Nessa perspectiva, a gestão dos resíduos deixou de ser compreendida apenas como um serviço de coleta seletiva e passou a incorporar ações de educação ambiental, compostagem, agricultura urbana e fortalecimento dos vínculos comunitários, evidenciando que a criação de valor territorial depende do reconhecimento das múltiplas contribuições produzidas pelo trabalho coletivo.

A experiência apresentada por Moisés mostrou como esses mesmos princípios vêm sendo desenvolvidos em um contexto amazônico, marcado por grandes distâncias geográficas, forte presença de populações ribeirinhas e desafios logísticos específicos. O projeto da Rede de Produtores Agroecológicos do Careiro (REPAC) iniciou-se com a compreensão do funcionamento das associações, da atividade dos agricultores e das relações estabelecidas entre produção, comercialização e consumo. O diagnóstico revelou a elevada dependência dos produtores em relação ao mercado de Manaus, motivando a construção de experimentações voltadas ao fortalecimento dos circuitos locais de abastecimento, entre elas feiras agroecológicas, ações de educação alimentar e o desenvolvimento da plataforma AgriConnect, concebida como um objeto intermediário para aproximar produtores e consumidores e fortalecer a autonomia das organizações locais. A apresentação ressaltou que a condução de projetos em territórios amazônicos exige considerar não apenas o trabalho, mas também a história das organizações, as redes sociais e as temporalidades próprias do território, sintetizadas na expressão “o tempo dos rios”.

O debate que encerrou a mesa evidenciou importantes convergências entre as duas experiências. Em ambos os casos, a transformação territorial foi apresentada como um processo construído progressivamente, apoiado na compreensão do trabalho concreto, na experimentação de novas formas de cooperação e na criação de espaços permanentes de reflexão coletiva. Os palestrantes destacaram que a Ergonomia da Atividade amplia seu campo de atuação ao contribuir para tornar visíveis as restrições, competências e interdependências existentes entre os diferentes atores, favorecendo a construção de confiança, a produção de aprendizagem coletiva e o fortalecimento de organizações intermediárias capazes de sustentar processos de transformação de longo prazo. Dessa forma, as experiências de Belo Horizonte e Careiro demonstram que os Ecossistemas Cooperativos Territorializados não constituem modelos replicáveis, mas processos que se constroem a partir das especificidades de cada território, articulando pesquisa, intervenção e cooperação em torno da produção de novas funcionalidades para a vida coletiva.

Cooperação entre produção e consumo: experiências para a construção do bem viver alimentar

A mesa de abertura do segundo dia do Seminário reuniu experiências desenvolvidas na França e no Brasil que têm em comum a busca por novas formas de organizar a produção, a distribuição e o consumo de alimentos a partir da cooperação entre diferentes



Milaine Lopes, William Torres e Jean Carlo Pereira

atores do território.

As apresentações mostraram que o enfrentamento dos desafios relacionados à segurança alimentar, à inclusão social e à transição ecológica exige ir além do aumento da produção agrícola, articulando agricultores, consumidores, organizações sociais, instituições públicas e

iniciativas comunitárias na construção de sistemas alimentares territorializados. Nesse contexto, a alimentação foi apresentada não apenas como uma necessidade biológica ou uma atividade econômica, mas como uma funcionalidade do território capaz de produzir saúde, trabalho, aprendizagem, solidariedade e desenvolvimento local.

Abrindo a mesa, Dominique apresentou a trajetória da Rede Cocagne, organização francesa criada há mais de trinta anos para promover a inserção socioprofissional de pessoas em situação de vulnerabilidade por meio da agricultura agroecológica. Ao longo de sua evolução, a rede ampliou sua atuação e passou a compreender sua missão com a construção do bem viver alimentar, articulando inclusão pelo trabalho, produção agrícola, saúde, educação alimentar e desenvolvimento territorial. Essa transformação levou ao desenvolvimento dos chamados ecopolos alimentares, dispositivos que integram produção, processamento, armazenamento, distribuição, formação e acompanhamento dos consumidores em um mesmo sistema cooperativo. Segundo o palestrante, o principal papel dessas iniciativas é atuar como integradoras de diferentes competências e interesses, produzindo soluções que geram simultaneamente benefícios econômicos, sociais, ambientais e alimentares. Dominique destacou ainda que esse processo exige relações permanentes de confiança entre os atores, mecanismos de avaliação capazes de reconhecer a multiplicidade de valores produzidos e formas de cooperação que ultrapassem a lógica tradicional das cadeias produtivas, permitindo a construção de respostas coletivas para problemas complexos.

As experiências brasileiras apresentadas na sequência demonstraram como princípios semelhantes vêm sendo desenvolvidos no contexto de Maricá por meio da atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da cooperativa Cooperar. Jean Carlo Pereira apresentou a trajetória do MST desde sua criação, destacando que a luta pela terra evoluiu para uma proposta mais ampla de Reforma Agrária Popular, que articula produção agroecológica, cooperativismo, educação, soberania alimentar e transformação das relações sociais. A partir dessa perspectiva, os projetos Horta em Casa e Unidades de Produção Agroecológica foram apresentados por Milaine Lopes e William



Torres, respectivamente, como estratégias complementares para fortalecer a agricultura urbana e periurbana no município. Enquanto o Horta em Casa atua na assistência técnica, formação de famílias e implantação de hortas domésticas adaptadas às diferentes realidades urbanas, as Unidades de Produção Agroecológica funcionam como espaços de produção, experimentação, capacitação e demonstração de práticas agroecológicas, abastecendo instituições em situação de vulnerabilidade alimentar e promovendo a difusão de conhecimentos entre agricultores, escolas e comunidade. Em ambos os casos, a agroecologia foi apresentada como uma abordagem que ultrapassa a produção de alimentos sem agrotóxicos, envolvendo também a valorização dos saberes locais, a construção coletiva do conhecimento, a recuperação ambiental e o fortalecimento das relações de solidariedade.



Mesa de debate sobre as experiências em torno da agroecologia no Brasil e na França

O debate que encerrou a mesa aprofundou as relações entre essas diferentes experiências, ressaltando que a construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados depende da capacidade de integrar iniciativas diversas em torno de objetivos comuns. Dominique destacou que a Rede Cocagne encontrou na Economia da Funcionalidade e da Cooperação um referencial capaz de ampliar sua atuação e articular seus diferentes efeitos úteis em uma mesma estratégia territorial. Os representantes da Cooperar, por sua vez, refletiram sobre os desafios enfrentados para integrar os produtores agrícolas de Maricá ao ecossistema alimentar em construção, reconhecendo que a cooperação precisa ser construída progressivamente por meio da confiança, da experimentação e do trabalho coletivo. As discussões evidenciaram que tanto na França quanto no Brasil os principais obstáculos não são apenas técnicos ou econômicos, mas também institucionais e culturais, exigindo novas formas de governança capazes de fortalecer a participação dos usuários, promover a cooperação entre organizações e consolidar sistemas alimentares orientados pelo bem viver, pela agroecologia e pelo desenvolvimento territorial.

Comercialização, cooperação e desenvolvimento territorial: novas formas de construir mercados

A mesa discutiu o papel da comercialização na construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados, propondo uma reflexão sobre mercados capazes de fortalecer relações de cooperação, valorizar a produção local e contribuir para o desenvolvimento dos territórios. A conferência de abertura, conduzida por Roberto Bartholo, apresentou uma crítica às abordagens convencionais da economia e do empreendedorismo, argu-



Débora de Castro e Débora Lins

mentando que a vida social não pode ser compreendida apenas a partir da lógica dos preços e das trocas mercantis. Dialogando com autores como Larissa Lomnitz, Hassan Zaoual e Saras Sarasvathy, o palestrante defendeu que o ser humano é, antes de tudo, um ser relacional e que as estratégias econômicas precisam ser compreendidas como estratégias de vida, construídas em contextos específicos e sustentadas por redes sociais, vínculos de confiança, pertencimento e identidades coletivas. Nessa perspectiva, o desenvolvimento não corresponde simplesmente ao crescimento econômico, mas à ampliação das possibilidades de ação dos indivíduos e coletivos, respeitando a singularidade dos territórios e reconhecendo que muitos dos valores produzidos pelas relações sociais não podem ser reduzidos a equivalentes monetários.

As experiências apresentadas na sequência ilustraram como esses princípios podem orientar iniciativas concretas de comercialização. Débora Lins apresentou o Armazém do Campo, empreendimento vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), concebido simultaneamente como espaço de comercialização, formação política e fortalecimento da agricultura familiar. Mais do que um estabelecimento comercial, o Armazém busca aproximar produtores e consumidores, ampliar a visibilidade da reforma agrária e construir canais de comercialização coerentes com os princípios da agroecologia e da economia solidária. A apresentação evidenciou a diversidade de atividades desenvolvidas – lojas, feiras, cestas por assinatura, eventos culturais, culinária popular e articulação com agricultores urbanos –, bem como os desafios enfren-



tados para garantir sua sustentabilidade econômica sem perder sua função política e formativa. O debate destacou que a viabilidade desses empreendimentos depende da construção de novas formas de cooperação entre produtores, consumidores, universidades e movimentos sociais, capazes de fortalecer os circuitos locais de abastecimento e reduzir as desigualdades estruturais que marcam os mercados convencionais.

Na mesma direção, Débora de Castro apresentou a Amar – Companhia Maricá Alimentos, primeira empresa pública municipal de alimentos do estado do Rio de Janeiro, criada



Francisco Duarte e Francisco Lima

com a finalidade de fortalecer as cadeias produtivas da agricultura familiar, da pesca artesanal e da agroindústria local. A proposta da empresa parte do reconhecimento de que a valorização da produção territorial depende da criação de mecanismos capazes de reduzir a intermediação comercial, garantir maior estabilidade de renda aos produtores e agregar valor aos produtos locais por meio do processamento, da qualificação da produção e da ampliação dos canais de comercialização. Entre as iniciativas apresentadas destacam-se a ampliação da fábrica de alimentos desidratados, a capacitação dos agricultores, a estruturação de lojas voltadas à comercialização dos produtos do município e a celebração de acordos de cooperação internacional, como a parceria estabelecida com Cabo Verde para intercâmbio de experiências em políticas alimentares e desenvolvimento territorial.

O debate que encerrou a mesa aprofundou questões relacionadas à sustentabilidade dessas iniciativas, ao papel do Estado na promoção de modelos econômicos alternativos e às condições necessárias para que experiências de comercialização cooperativa possam se consolidar no longo prazo. Os participantes ressaltaram que empreendimentos dessa natureza não podem ser avaliados apenas por indicadores financeiros, pois também produzem formação, fortalecimento das organizações locais, ampliação das redes de cooperação e valorização do trabalho realizado pelos agricultores e demais atores envolvidos. Ao mesmo tempo, reconheceu-se que sua permanência depende da construção de modelos econômicos capazes de articular objetivos sociais, políticos e

econômicos, reduzindo a dependência de recursos externos e fortalecendo mecanismos de governança compartilhada. Nesse sentido, a mesa reforçou que a comercialização, quando organizada como um processo cooperativo, pode constituir um importante instrumento de desenvolvimento territorial, articulando produção, consumo e construção de novas relações econômicas orientadas pelo bem viver e pela cooperação.

A criação do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação

A mesa de encerramento do IV Seminário marcou um momento simbólico para a consolidação da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC) no Brasil: o lançamento do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (IBEFC). A criação do Instituto foi apresentada como resultado de uma trajetória construída ao longo de mais de uma década de intercâmbios entre pesquisadores brasileiros e franceses, projetos de pesquisa, ações de formação e intervenções territoriais desenvolvidas em diferentes regiões do país. Ao reunir representantes da França e do Brasil (Marcio Campos, Francisco Duarte, Francisco Lima, Christian du Tertre e Sandro de Gasparo), a mesa evidenciou que o Instituto nasce não apenas como uma nova organização, mas como um espaço coletivo destinado a fortalecer uma comunidade de pesquisadores, profissionais e organizações comprometidas com a construção de novos referenciais para o desenvolvimento econômico, social e territorial.



Encerramento do evento: Marcio Campos, Francisco Duarte, Sandro de Gasparo, Christian du Tertre e Francisco Lima

Ao apresentar a experiência francesa, Sandro de Gasparo, secretário-geral do Instituto Europeu da Economia da Funcionalidade e da Cooperação, destacou que a criação do instituto na França não representou o início do movimento da EFC, mas a consolidação de uma dinâmica que vinha sendo construída desde os anos 2000 a partir das ati-



vidades do laboratório Atemis, dos clubes territoriais e das redes de cooperação entre pesquisadores, empresas, organizações intermediárias e instituições públicas. Segundo o palestrante, o Instituto Europeu atua como uma “casa comum” dessa comunidade, promovendo encontros, produzindo recursos metodológicos, desenvolvendo ferramentas de apoio às intervenções, estimulando a pesquisa e favorecendo a circulação de conhecimentos entre diferentes territórios. Também foram apresentados os desafios atualmente enfrentados pelo instituto, entre eles o crescimento da comunidade de praticantes da EFC, a necessidade de preservar o rigor conceitual do referencial diante de sua crescente difusão e o cuidado para evitar processos de apropriação parcial ou instrumentalização política da Economia da Funcionalidade e da Cooperação.

Na sequência, Christian du Tertre refletiu sobre o significado da criação do instituto brasileiro à luz da experiência construída entre França e Brasil ao longo dos últimos anos. Para o pesquisador, embora cada território possua sua própria história, cultura e formas de organização, existem desafios universais relacionados ao trabalho, à democracia, à cooperação e à transformação dos modelos econômicos. Nesse sentido, o fortalecimento das relações internacionais foi apresentado como uma condição essencial para a construção coletiva desse referencial, permitindo a troca de experiências entre diferentes países e o enriquecimento mútuo das práticas de intervenção. Du Tertre ressaltou ainda que o Instituto Brasileiro deverá constituir um espaço permanente de encontro, reflexão e produção de conhecimento, articulando ação e pesquisa e incentivando a construção de referenciais próprios, coerentes com as especificidades da realidade brasileira e latino-americana, sem perder de vista os princípios universais que orientam a EFC.



Sandro de Gasparo

Representando a experiência brasileira, Francisco Lima e Márcio destacaram que o IBEFC é resultado do amadurecimento de diferentes projetos desenvolvidos no país nas áreas da economia solidária, ergonomia da atividade, desenvolvimento territorial e Ecossistemas Cooperativos Territorializados. Ambos ressaltaram que o Instituto deverá funcionar como um espaço de articulação entre pesquisadores, profissionais, movimentos sociais, organizações públicas e iniciativas territoriais, favorecendo a troca de experiências, a produção coletiva de conhecimento e a construção de novos dispositivos de formação e intervenção. A criação do Instituto foi apresentada, portanto, como um passo importante para fortalecer a dimensão coletiva da EFC no Brasil, ampliar sua capacidade de atuação em diferentes territórios e consolidar uma rede nacional integrada às iniciativas internacionais já existentes. O encerramento do seminário reforçou que a construção dessa rede dependerá da participação ativa de seus membros, da continuidade das experimentações territoriais e da permanente articulação entre ação, reflexão e cooperação como fundamentos da transformação econômica e social.

Workshops

O segundo dia do Seminário foi composto por 4 minicursos. Os participantes se dividiram em 4 ambientes para aprofundar em temas de interesse.

Dinâmica da Transição Econômica – Jogo da Transição Econômica

O minicurso Dinâmica da Transição foi ministrado por Luckas Bruce e Rute Oliveira, pesquisadores da COPPE, por Sandro de Gasparo, pesquisador do ATEMIS, e teve como foco principal a transição econômica, abordando as mudanças necessárias para evoluir



de um modelo econômico tradicional, centrado na lógica de mercado e na maximização de lucros, para um modelo orientado pelos princípios da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC), que tem como cerne as funcionalidades da vida, a cooperação, a performance de uso dos bens e a sustentabilidade.

A atividade foi realizada com base em uma dinâmica

interativa, que desafiou os participantes a analisarem diferentes casos práticos e situações hipotéticas, posicionando as cartas com as situações em um eixo que variava entre “dominante histórico” (representando o modelo econômico tradicional) e “futuro desejável” (alinhado aos princípios da EFC). Esse formato permitiu não apenas o aprendizado conceitual, mas também o engajamento dos participantes em uma discussão crítica e coletiva sobre os valores e práticas que fundamentam as mudanças econômicas.



A dinâmica foi inspirada em um jogo desenvolvido pelo Instituto da Economia da Funcionalidade e da Cooperação da França, o qual foi adaptado e traduzido para o contexto brasileiro. Essa abordagem lúdica e colaborativa mostrou-se eficaz para estimular a troca de ideias, promover o aprendizado mútuo e fomentar uma reflexão aprofundada sobre os desafios e as oportunidades na transição para uma economia mais sustentável e orientada para o bem-estar coletivo.

O que é a Economia da Funcionalidade e da Cooperação

O workshop “O que é a Economia da Funcionalidade e da Cooperação”, ministrado por Francisco Lima (UFMG) e Márcio Campos (ICTIM), apresentou os conceitos fundamentais da EFC a partir de um debate com os participantes. Foi apresentado que a EFC está intimamente ligada ao desenvolvimento sustentável. Ela visa a melhor considerar as externalidades ambientais e sociais induzidas pelo modelo econômico atual.



Dessa forma, discutiu-se que a EFC visa passar de uma dinâmica de performance industrial que concentra esforços sobre o uso de recursos materiais para uma dinâmica de performance própria dos serviços, concentrando esforços sobre a mobilização e o desenvolvimento de

recursos imateriais. Ela coloca a performance do uso de bens e serviços no centro do seu modelo de desenvolvimento. É o serviço ofertado, e não o bem ele mesmo, que fundamenta sua performance. Essa dinâmica induz uma nova governança, associado não somente os beneficiários da solução, mas igualmente seus co-produtores.

Metodologias de construção de um Ecossistema Cooperativo Territorializado

O minicurso Metodologias de construção de um Ecossistema Cooperativo Territorializado (ECT) foi ministrado pela professora Barbara Oggioni (UFF) e pela pesquisadora



Aline (UFRJ). As discussões enfatizaram que a consolidação de um ECT depende da articulação entre produção e consumo, da construção de uma vontade coletiva em torno de um futuro comum e da condução de pequenas experimentações capazes

de gerar aprendizados sucessivos. Também foi destacada a importância de desenvolver uma lógica reflexiva, em que cada ação contribua para fortalecer a cooperação e orientar as etapas seguintes do processo de transformação territorial.

Organização reflexiva e a governança dos Ecosistemas Cooperativos Territorializados

O minicurso Organização reflexiva e a governança dos Ecosistemas Cooperativos Territorializados, ministrado por Christian du Tertre (ATEMIS) e coordenado por William Azalin (UFMG), abordou a organização reflexiva como um dispositivo permanente de



compartilhamento das experiências de trabalho. A atividade foi construída a partir do contexto de atuação dos próprios participantes, permitindo relacionar os conceitos apresentados às diferentes realidades profissionais.

Segundo o palestrante, esses espa-

ços favorecem simultaneamente a profissionalização dos atores, a inovação servicial e a promoção da saúde, especialmente por meio do reconhecimento mútuo proporcionado pelas trocas sobre o trabalho real. O workshop reforçou que a construção de Ecosistemas Cooperativos Territorializados depende da criação de espaços organizados de reflexão coletiva, capazes de fortalecer objetivos comuns e sustentar processos de cooperação ao longo do tempo.





► 2 | O 3º Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação em Maricá - 2024

O 3º seminário da EFC Maricá ocorreu nos dias 10 e 11 de dezembro de 2024, no Espaço Diamond Eventos. A abertura do evento contou com a participação do professor Francisco Duarte, do Programa de Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ) e coordenador do Projeto ECT Maricá, de Claudio Gimenez, presidente do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM), e de Julio Carolino, então secretário municipal de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento. Ambos ressaltaram a importância da parceria entre universidade, poder público e atores locais para a construção de novos modelos de desenvolvimento territorial baseados na cooperação e na valorização do trabalho.



Claudio Jimenez

Com o tema “Transição ecológica e societal: articulando sustentabilidade, trabalho e modelo econômico”, o seminário teve como objetivo aprofundar a reflexão sobre os desafios da transição para modelos de desenvolvimento capazes de responder, de forma integrada, às questões ecológicas, econômicas, sociais e territoriais. Ao longo dos dois dias de atividades, foram discu-

tidos referenciais teóricos da Economia da Funcionalidade e da Cooperação, experiências internacionais e latino-americanas, bem como os avanços do projeto ECT Maricá e de outras iniciativas que compartilham princípios semelhantes.

O modelo econômico industrial vive uma de suas maiores crises com desdobramentos nas áreas ambientais, sociais e econômicas. Os desafios ecológicos, a crise climática, as doenças causadas pelo trabalho e as disparidades nas desigualdades na distribuição de riqueza colocam no centro do debate sobre propostas de novos modelos econômicos que contribuam para a superação destes problemas e apontem para novos rumos. A América Latina não está alheia a estes problemas.

A necessidade de se debater soluções no nível do território e o debate sobre seu processo de transição são necessários para o encaminhamento de soluções. A mudança de modelo econômico pressupõe o resgate do território, de seus valores intrínsecos, pelas regulamentações locais e regionais (como também nacionais) e de uma nova resignificação de produção de valor dentro das empresas.

Esta mudança de modelo deve articular os diversos desafios ecológicos, econômicos,

sociais e territoriais a partir de um novo reordenamento das ações das cidades, entre cidades e entre os espaços urbanos e rurais. Um modelo que propicie o reencontro do ser humano com seu trabalho e que resgate o valor do trabalho na produção de produtos e serviços.

Nestas condições, uma nova etapa na democracia precisa ser construída passando pela participação e engajamento na transformação dos territórios, que chamamos de

democracia societal. O debate sobre os novos modelos econômicos vai neste caminho, abrindo a discussão para uma nova realidade que emerge a partir do local. A economia da funcionalidade e da cooperação, a economia social e solidária e a economia circular constituem alternativas a serem efetivamente debatidas em suas especificidades.

As experiências na América Latina e Europa são relevantes para um debate



Francisco Duarte

aprofundado das dificuldades e dos benefícios obtidos pela experimentação. Exemplos provenientes da França mostram que há alternativas que podem neste momento serem referências efetivas e alternativas.

DADOS:

- **Título:** Transição ecológica e societal: articulando sustentabilidade, trabalho e modelo econômico. 3º Seminário da Economia da Funcionalidade e Cooperação de Maricá.
- **Data:** 10 e 11 de dezembro de 2024
- **Local:** Espaço Diamond Eventos. Rua Clarice Lispector, 54A - Itapeba, Maricá
- **Site:** www.ecossistemasmarica.com.br
- **Transmissão ao vivo:** <https://www.youtube.com/@ClubeEFCRio>
- **Visitas técnicas:** Praça Agroecológica de Araçatiba, Restaurante Escola e Empório I Piatti - dia 12 de dezembro de 2024
- **Entidades Organizadoras:** Programa de Engenharia de Produção, COPPE/ UFRJ; Clube EFC Rio; Gastronomia/ UFRJ e ICTIM
- **Entidades financiadoras:** ICTIM, FAPERJ, CNPq e FINEP

A transição e a centralidade do trabalho na articulação dos desafios ecológicos, econômicos e sociais

As palestras do primeiro dia estabeleceram os principais referenciais que orientaram todo o seminário. Christian du Tertre (ATEMIS) analisou a conjuntura atual, marcada por colapsos parciais, como a desregulação ecológica decorrente das mudanças climáticas e da destruição da biodiversidade, o risco de ampliação de conflitos locais em guerras regionais ou mundiais, o agravamento das desigualdades territoriais, o colapso da globalização e da financeirização, bem como as ameaças à democracia diante do avanço do pós-liberalismo

Du Tertre destacou que as crises ambiental, econômica e social observadas atualmente revelam os limites do modelo econômico dominante e exigem uma profunda reorganização das formas de produzir, trabalhar e cooperar. Nesse contexto, a Economia da Funcionalidade e da Cooperação propõe deslocar o foco da produção de bens para a produção das funcionalidades da vida, valorizando os efeitos úteis dos serviços e as externalidades positivas produzidas pela cooperação entre os diferentes atores do território.

Essa mudança pressupõe reconhecer o trabalho real como elemento estruturante da produção de valor e fortalecer formas de organização baseadas na confiança, na aprendizagem coletiva e na construção de objetivos comuns. A organização reflexiva e o reconhecimento do trabalho real são colocados como caminhos para superar as restrições atuais em um período de transição.



Christian Du Tertre

Outro ponto central foi a dimensão territorial da transição, vista como uma das experiências capazes de lidar com os colapsos mencionados. Du Tertre enfatizou a relevância dos ecossistemas cooperativos territoriais (ECTs), que promovem relações entre estruturas



locais em busca de colocar no centro as grandes funcionalidades da vida, superando a visão limitada de uma escala empresarial. Ele destacou também os limites do sistema de avaliação e dos resultados baseado em números, que ignora aspectos imateriais como confiança, saúde e pertencimento. Esses elementos estão presentes em sua apresentação, que aborda a experiência cotidiana dos impactos das externalidades negativas, a importância da confiança e a conexão entre conhecimento e realidade.

Por fim, defendeu a necessidade de impulsionar uma democracia societal, construída por meio do compromisso diário, a partir da criação de espaços de deliberação e do compromisso com o trabalho vivo e com a vida cotidiana em sociedade. Em sua fala, enfatiza a urgência de romper com padrões prejudiciais e buscar formas alternativas de organização e financiamento.

Ecosistemas Cooperativos Territoriais, governança e organização: a experiência da Butinerie

Complementando essa discussão, Patrice Vuidel apresentou a experiência da Butinerie, na França, evidenciando como um Ecosistema Cooperativo Territorial pode articular agricultores, profissionais da saúde, cozinheiros, consumidores e organizações locais em torno da promoção da alimentação saudável. A experiência mostrou que a construção

desses ecossistemas depende menos da criação de novos equipamentos e mais da capacidade de desenvolver relações duradouras de cooperação, compartilhamento de responsabilidades e construção coletiva de soluções para problemas concretos do território.

A Butinerie se configura como um espaço físico de múltiplos atores reúne agricultores, nutricionistas, médicos, cozinheiros e associações em um espaço multifuncional para promover alimentação saudável, educação culinária e interação direta entre produtores e consumidores.

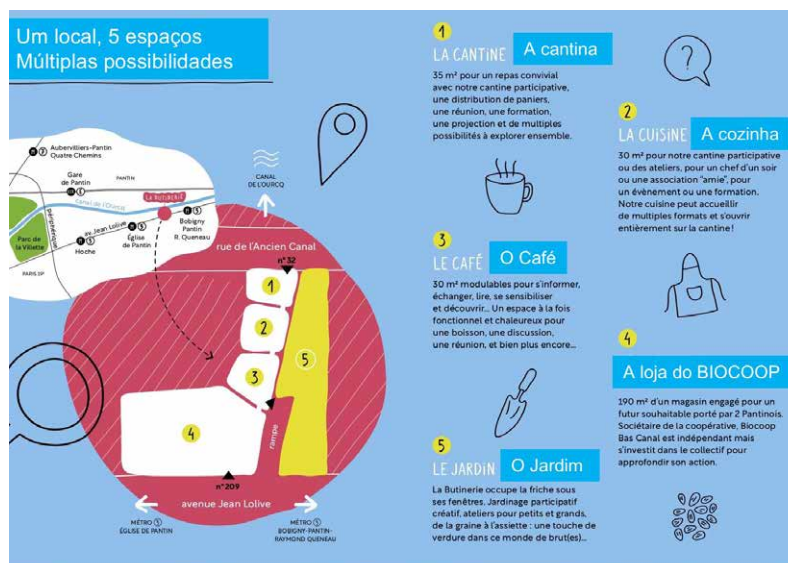
O ecossistema implementou iniciativas como cantinas participativas e programas educativos, englobando e beneficiando diversos grupos sociais do território. Embora o projeto



Patrice Vuidel

demonstre o potencial dos ECTs em fomentar a cooperação territorial e enfrentar os desafios locais, o palestrante apontou dificuldades, como a fragilidade financeira e a complexidade de articular diversos atores e engajar a comunidade de forma efetiva.

- O ecossistema da Butinerie -



Fonte: Apresentação de Patrice Vuidel

A experiência apresentada evidenciou que a consolidação de ecossistemas cooperativos territorializados depende da combinação de diferentes mecanismos de sustentação institucional, econômica e social. Entre eles destacam-se a formalização de parcerias entre os atores, a diversificação das fontes de financiamento e de geração de receitas, bem como o envolvimento de organizações públicas e privadas que reconhecem e apoiam as externalidades positivas produzidas pelo ecossistema. Além dos aspectos econômicos, foram apresentadas experimentações voltadas a diferentes públicos do território, demonstrando que a construção de soluções integradas para alimentação, saúde e inclusão social requer processos contínuos de cooperação, aprendizagem coletiva e adaptação às necessidades locais.



Discussão após as palestras de Christian du Tertre e Patrice Vuidel





Conduzir uma ação de transformação em EFC: dispositivos, métodos e suportes

Pascal Béguin apresentou métodos para conduzir processos de transformação territorial, enfatizando que a construção de Ecossistemas Cooperativos Territorializados ocorre por meio de processos graduais de experimentação. O pesquisador destacou três grandes etapas desse percurso: revelar e construir os problemas, explorar e desenvolver soluções por meio de pequenos projetos e, posteriormente, consolidar e ampliar as experiências bem-sucedidas. Essa abordagem reforçou a importância da organização reflexiva, da participação contínua dos atores e da institucionalização gradual das iniciativas desenvolvidas.

A primeira etapa visa entender e construir o problema, identificando incômodos, recursos e oportunidades, além de construir uma organização com locais, tempos e papéis definidos. Na segunda etapa, Béguin diz que é um momento de buscar desenvolver a experiência, definindo pequenos projetos e conduzindo à reflexividade. Por fim, a etapa final é de consolidar e celebrar, buscando estabilizar o projeto, engajar para uma nova etapa e realizar o que ele denomina por salto sistêmico. Ele ainda destacou a necessidade de incluir novos atores e aponta a importância de institucionalizar as ações, quando as experiências se estabilizarem, para garantir sua continuidade e expansão.



Pascal Béguin

- Estrutura para consolidação de ECTs -



Fonte: Apresentação Pascal Béguin



Link YouTube:

[3º Seminário da economia da Funcionalidade e da Cooperação de Maricá](#)

Vivências gastronômicas com insumos advindos do território de Maricá

A apresentação de Suzi Clementino, responsável pelo Empório I Piatti, antecedeu o almoço do seminário, preparado com insumos provenientes da agricultura familiar local e transformados pela organização. Em sua fala, explicou que o Empório surgiu a partir de uma encomenda tecnológica do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM), em parceria com a Prefeitura de Maricá, com o objetivo de fortalecer a agricultura familiar por meio da valorização e transformação da produção local. Também destacou as diversas ações desenvolvidas, como o acompanhamento dos agricultores, o trabalho com as escolas, o desenvolvimento de novos produtos, a colaboração com merendeiras e com o restaurante-escola, além de atividades de educação alimentar voltadas às crianças.

A iniciativa articula tecnologias de processamento de alimentos aos saberes dos povos tradicionais e dos agricultores familiares, promovendo a valorização dos conhecimentos locais e a agregação de valor à produção do território. Para ilustrar esse trabalho, a equipe do Empório I Piatti ofereceu aos participantes uma degustação de preparações elaboradas a partir de insumos locais, evidenciando o potencial da transformação da produção agrícola para fortalecer os circuitos alimentares territoriais e promover uma alimentação saudável.



Suzi Clementino

O projeto ECT Maricá: da teoria à experimentação

O professor Francisco Duarte apresentou a trajetória do projeto Ecossistemas Cooperativos Territorializados (ECT Maricá), destacando seu objetivo de construir um ecossistema articulado entre diferentes atores do território, como produtores rurais, empreendimentos de primeira transformação, restaurantes, instituições públicas e organizações de apoio técnico. O percurso desenvolvido desde 2022 foi descrito como um processo progressivo de aproximação com os atores locais, realização de diagnósticos e visitas de campo, promoção de fóruns públicos de discussão e constituição de um grupo piloto ampliado, culminando na atual etapa de experimentação com um grupo piloto reduzido.

Complementando essa apresentação, a professora Bárbara Oggioni detalhou a diversidade de atores envolvidos no ecossistema e ressaltou que a construção de um projeto coletivo exige não apenas integrar diferentes organizações, mas também construir um propósito comum capaz de mobilizar os participantes em torno dos desafios do território. Para isso, o projeto tem desenvolvido visitas de acompanhamento, acolhimento de novos participantes e dispositivos de diálogo que permitem compreender as necessidades específicas de cada ator e favorecer a construção de objetivos compartilhados.

As apresentações evidenciaram que a experimentação do Ecossistema Cooperativo Territorializado ocorre simultaneamente à identificação e ao enfrentamento dos desafios do território. Entre os principais problemas identificados destacam-se as dificuldades logísticas, a irregularidade na oferta de insumos, a necessidade de ampliar a primeira transformação dos alimentos, limitações de infraestrutura e equipamentos, entraves relacionados à regulamentação dos produtores e desafios para estruturar mecanismos de compras coletivas. Ao mesmo tempo, foram ressaltadas importantes potencialidades do projeto, como o elevado engajamento dos participantes, o apoio institucional do município de Maricá e a cooperação estabelecida com universidades e parceiros nacionais e internacionais.

Na sequência, o professor Ivan Bursztyn apresentou a integração entre o projeto Comida de Origem, desenvolvido pela UFRJ, e o ECT Maricá. A aproximação com restaurantes e bares do município permitiu ampliar a compreensão das demandas relacionadas ao abastecimento alimentar local, revelando a diversidade dos modelos de negócio existentes e, ao mesmo tempo, um interesse comum em fortalecer cadeias curtas de comercialização e ampliar a utilização de insumos produzidos no território. Essa aproximação reforçou a importância de integrar produtores, empreendimentos de primeira transformação e estabelecimentos de alimentação em torno de um projeto comum de desenvolvimento territorial.

O encerramento da mesa contou com os depoimentos de representantes dos diferentes segmentos participantes do projeto, além dos pesquisadores, participaram da mesa Andrei (Cooperativa Manada), Marcos (Restaurante Beira Mar) e Suzi (Empório I Piatti), evidenciando como a experimentação tem produzido transformações nas formas de compreender e organizar o trabalho coletivo. Os relatos mostraram que o acompanhamento realizado pelo projeto favoreceu uma maior aproximação entre produtores, empreendedores e organizações de apoio, permitindo que desafios antes enfrentados de forma isolada passassem a ser discutidos coletivamente. Também foi destacada a construção gradual de relações baseadas na confiança, na cooperação e na valorização dos diferentes conhecimentos presentes no território.

Apesar das dificuldades relacionadas à produção, ao abastecimento e à organização das cadeias locais, os participantes ressaltaram que o projeto tem contribuído para ampliar o diálogo entre os atores e fortalecer uma visão compartilhada sobre o futuro da alimentação em Maricá. Os depoimentos evidenciaram mudanças na forma de compreender a gestão dos empreendimentos, que passa a incorporar não apenas aspectos econômicos, mas também valores sociais, territoriais e ambientais. Da mesma forma, destacaram que as atividades de experimentação e a convivência entre diferentes atores têm fortalecido o sentimento de pertencimento ao projeto e consolidado as bases para a construção de um Ecossistema Cooperativo Territorializado.



Mesa de debate do projeto ECT: Ivan Bursztyn, Andrei Bentes, Barbara Oggioni, Marcos, Suzi Clementino e Francisco Duarte.



Experiências latino-americanas de cooperação territorial

A última mesa do dia reuniu experiências latino-americanas que evidenciaram diferentes formas de construção de ecossistemas cooperativos territorializados, tendo como eixo comum a cooperação entre atores locais, a valorização do trabalho e a criação de mecanismos coletivos para enfrentar desafios econômicos, sociais e ambientais.

Teresa Correa e Gustavo Salas apresentaram a experiência da Rede de Cooperativas Cecosesola, da Venezuela, uma organização composta por cerca de 50 cooperativas comunitárias distribuídas em seis estados e formada por aproximadamente 1.500 trabalhadores associados. A rede articula iniciativas de autofinanciamento, saúde, serviços funerários e produção e abastecimento de alimentos, atendendo mais de 100 mil famílias. Os palestrantes destacaram que seu funcionamento é baseado na rotação de atividades, na igualdade das retiradas financeiras, na tomada de decisões por consenso e na construção de relações de confiança e corresponsabilidade, priorizando processos educativos e a cooperação em lugar da lógica estritamente mercantil.

Na sequência, Marcelo Souza (UFMG) e William Azalim (Atemis Brasil) apresentaram a experiência do Núcleo Lixo Zero Santa Tereza, em Belo Horizonte, construída em parceria com coletivos locais. A iniciativa busca integrar gestão de resíduos, alimentação agroecológica e desenvolvimento territorial por meio da criação de espaços comuns de cooperação entre diferentes organizações. Os palestrantes destacaram que a construção de relações de confiança entre os atores foi um elemento central para o fortalecimento do ecossistema, contribuindo para a ampliação das atividades econômicas, a melhoria da qualidade dos serviços e o aumento da renda dos participantes.



William Azalim, Teresa Correa e Gustavo Salas



Ricardo, Marcelo Souza e Moisés Coelho

Encerrando a mesa, Moisés Coelho (UFAM) apresentou a experiência da Rede de Produtores Agroecológicos do Careiro (REPAC), no Amazonas. O projeto, orientado pelos referenciais da Economia da Funcionalidade e da Cooperação desde 2022, desenvolve metodologias participativas para fortalecer a agricultura agroecológica, construir redes de cooperação e ampliar alternativas de comercialização. Entre as iniciativas destacam-se ações de capacitação em comunidades rurais, feiras agroecológicas, redes de consumo sustentável e atividades culturais, sempre respeitando as especificidades do território, especialmente a temporalidade imposta pelo regime dos rios.

Em conjunto, as três experiências demonstraram que, apesar das diferenças de contexto, a construção de ecossistemas cooperativos territorializados depende da criação de

espaços permanentes de cooperação, da valorização do trabalho coletivo, da construção de relações de confiança e da adaptação das estratégias às características e necessidades de cada território. Esses elementos reforçaram os temas discutidos ao longo do seminário e evidenciaram a diversidade de caminhos possíveis para promover formas mais sustentáveis e cooperativas de desenvolvimento territorial.

Caminhos para um ecossistema cooperativo no campo da cultura

No segundo dia de seminário, a mesa foi aberta por Roberto Bartholo (COPPE/ UFRJ), que apresentou uma reflexão teórica sobre o patrimônio a partir da noção de patrimônio relacional, enfatizando que sua constituição depende das formas de relação estabelecidas pelas pessoas com os bens e com o território. Com base em Martin Buber, discutiu os modos de relação “eu-tu” e “eu-isso”, destacando a importância do diálogo e do empenho coletivo para ampliar a vivência do patrimônio. Em seguida, recorreu às contribuições de Vilém Flusser para refletir sobre as transformações da cultura contemporânea e os desafios para a construção do patrimônio na atualidade.

Na sequência, Blanca Dian (Museu Histórico de Maricá) apresentou a trajetória histórica de Maricá, desde sua formação até a configuração atual de seus distritos, articulando essa narrativa à perspectiva da museologia social. Destacou os projetos desenvolvidos pelo museu, entre eles o mapeamento de moradores envolvidos na vida cotidiana do município e a realização de um inventário participativo, que busca compreender como a própria população identifica e atribui significado ao patrimônio local.

Encerrando a mesa, Sabina Simón (UFRJ) apresentou uma pesquisa que integra arte, ciência e regeneração ambiental, tendo a água como elemento central de reflexão. A partir de imagens e narrativas sobre diferentes formas de relação das pessoas com esse recurso, mostrou como a criatividade pode atuar como um instrumento de transformação do território e das comunidades, aproximando os processos de regeneração ambiental das experiências cotidianas e da construção coletiva de novos significados para o patrimônio.



Sabina Simón, Bianca Dian e Roberto Bartholo



Apresentação da Sabina Simón



A rede de feirantes Afemarcá e o território

A apresentação da Cristina Baldissara, diretora da Associação de Feirantes de Maricá - Afemarcá, e o pesquisador Marcio Campo fizeram a abertura para o almoço do seminário, que foi preparado com insumos locais dos produtores e feirantes ligados à associação. Cristina e Marcio apresentaram a nascente Associação de Feirantes, que foi impulsionada e orientada a se registrar por um projeto do Banco Mumbuca e na ocasião estava incubada pela Incubadora de Tecnologias Sociais do ICTIM.



Cristina Baldissara

A neo industrialização: uma indústria a serviço da sociedade

A segunda mesa do dia 11/12/2024 reuniu diferentes perspectivas sobre a neo-industrialização e discutiu como novos modelos produtivos podem contribuir para responder aos desafios econômicos, sociais e ambientais contemporâneos. As apresentações abordaram desde políticas públicas de inovação até experiências empresariais e referenciais teóricos da Economia da Funcionalidade e da Cooperação, evidenciando a necessidade de reorientar a indústria para a geração de valor econômico, social e territorial.

Christian Bruère (Mob-ion) apresentou o modelo de negócio desenvolvido pela empresa francesa fabricante e locadora de scooters elétricas, baseado na oferta do uso do veículo em vez de sua propriedade. A experiência destacou conceitos como a eco concepção e a perenidade programada, em que os produtos são concebidos para facilitar a manutenção, prolongar sua vida útil e favorecer o reaproveitamento de seus componentes. Segundo o palestrante, esse modelo reduz custos ao longo do ciclo de vida do produto, fortalece cadeias produtivas locais e cria uma economia baseada na cooperação entre fabricantes, usuários e demais atores envolvidos.

Na sequência, Fernando Peregrino (FINEP) apresentou os fundamentos da Nova Indústria Brasil (NIB), contextualizando os desafios da inovação e da competitividade industrial brasileira.



Christian du Tertre, Fernando Peregrino e Christian Bruère

A partir de indicadores econômicos e tecnológicos, destacou a necessidade de fortalecer a capacidade produtiva nacional por meio de políticas públicas de inovação, investimentos estratégicos e agregação de valor às cadeias produtivas. Entre os exemplos apresentados, ressaltou a importância de reduzir a exportação de matérias-

primas com baixo valor agregado e ampliar a capacidade de transformação industrial no país.

Encerrando a mesa, Christian du Tertre (ATEMIS) articulou as duas apresentações ao discutir como a Economia da Funcionalidade e da Cooperação pode oferecer novos referenciais para a neo-industrialização. O palestrante argumentou que a inovação não deve limitar-se ao desenvolvimento tecnológico, mas incorporar as necessidades dos usuários, as especificidades dos territórios e a cooperação entre os diferentes atores envolvidos na produção. Nesse sentido, destacou a inovação servicial territorializada como uma alternativa capaz de orientar novos modelos industriais, gerar conhecimento a partir da atividade e contribuir para formas mais sustentáveis e socialmente comprometidas de desenvolvimento.

Em conjunto, as apresentações evidenciaram que a neo-industrialização envolve mais do que a modernização tecnológica da indústria. Trata-se da construção de modelos produtivos que integrem inovação, sustentabilidade, cooperação e desenvolvimento territorial, aproximando políticas públicas, empresas e instituições de pesquisa na busca por soluções voltadas às necessidades da sociedade.

A criação do Instituto Brasileiro da Economia da Funcionalidade e da Cooperação e encerramento do evento

Francisco Duarte abriu o momento de encerramento anunciando a confirmação do próximo encontro em 2025. Recapitulou os pontos principais das atividades realizadas nos dois dias de seminário e agradeceu aos vários organizadores e participantes do evento.

Marcio Campos falou sobre a importância das parcerias com os pesquisadores de diferentes instituições e sobre a experiência vivida nos últimos anos com o projeto ECT Maricá. Comentou sobre as dificuldades e os riscos do processo de transição econômica, mas da consistência que vem sendo criada com a prática de pesquisa-ação do projeto. Por fim, apontou que a proposta de criação do Instituto brasileiro de Economia da Funcionalidade e da Cooperação pode ajudar na formação de novos pesquisadores,

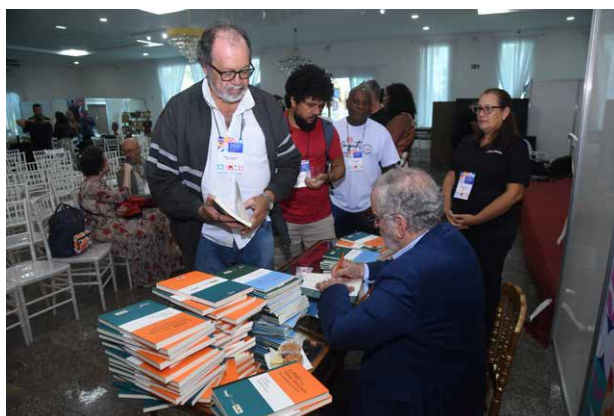


no amadurecimento da realidade local e na contribuição com experiências em outras localidades.



Encerramento do evento

Lançamento dos livros “A FINEP e a neoindustrialização - uma contribuição à 5ª CNCTI” e “A FINEP e a neoindustrialização - startups, deep techs e seus ecossistemas, uma contribuição à 5ª CNCTI”



Workshops

O segundo dia do Seminário foi composto por 5 minicursos. Os participantes se dividiram em 5 ambientes para aprofundar em temas de interesse.

Dinâmica da Transição Econômica – Jogo da Transição Econômica

O minicurso Dinâmica da Transição Econômica – Jogo da Transição Econômica, ministrado pelos pesquisadores Luckas Bruce e Rute Oliveira (COPPE/UFRJ), abordou os desafios da transição de um modelo econômico centrado na maximização dos lucros

para uma economia orientada pelos princípios da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC), baseada na cooperação, na sustentabilidade e na valorização das funcionalidades da vida.



A atividade utilizou uma dinâmica inspirada em um jogo desenvolvido pelo Instituto da Economia da Funcionalidade e da Cooperação da França e adaptado ao contexto brasileiro. Por meio da análise coletiva de diferentes situações práticas, os

participantes discutiram os valores associados ao modelo econômico predominante e às perspectivas de um futuro desejável, favorecendo a aprendizagem colaborativa e a reflexão sobre caminhos para uma economia mais sustentável.

O que é a Economia da Funcionalidade e da Cooperação

O minicurso O que é a Economia da Funcionalidade e da Cooperação, ministrado por Francisco Lima (UFMG) e Márcio Campos (ICTIM), apresentou os conceitos fundamentais da

EFC e sua relação com o desenvolvimento sustentável. A discussão destacou a necessidade de incorporar as externalidades sociais e ambientais aos modelos econômicos, propondo uma mudança de foco da produção de bens para a oferta de serviços capazes de responder às necessidades da sociedade.



Os palestrantes enfatizaram que a EFC valoriza a performance de uso dos bens e serviços, mobilizando recursos imateriais, como conhe-

cimento, cooperação e inovação, em substituição à lógica centrada apenas na produção material. Essa mudança implica também novas formas de governança, envolvendo não apenas os usuários das soluções, mas também seus diversos coprodutores.



Metodologias de construção de um Ecosistema Cooperativo Territorializado

O minicurso Metodologias de construção de um Ecosistema Cooperativo Territorializado (ECT) foi ministrado por Pascal Béguin (Université Lyon 2) e Patrice Vuidel (ATE-



MIS), com coordenação da professora Barbara Oggioni (UFF). A partir de um estudo de caso relacionado aos territórios afetados pelos rompimentos de barragens em Minas Gerais, os palestrantes discutiram estratégias para conduzir processos de construção de ecossistemas cooperativos em contextos complexos.

As discussões enfatizaram que a consolidação de um ECT depende da articulação entre produção e

consumo, da construção de uma vontade coletiva em torno de um futuro comum e da condução de pequenas experimentações capazes de gerar aprendizados sucessivos. Também foi destacada a importância de desenvolver uma lógica reflexiva, em que cada ação contribua para fortalecer a cooperação e orientar as etapas seguintes do processo de transformação territorial.

Organização reflexiva e a governança dos Ecosistemas Cooperativos Territorializados



O minicurso Organização reflexiva e a governança dos Ecosistemas Cooperativos Territorializados, ministrado por Christian du Tertre (ATEMIS) e coordenado por Ricardo Silveira (UFRJ), abordou a organização reflexiva como um dispositivo permanente de compartilhamento das experiências de trabalho. A atividade foi construída a partir do contexto de atuação dos próprios participantes, permitindo relacionar os conceitos apresentados às diferentes realidades profissionais.

Segundo o palestrante, esses espaços favorecem simultaneamente a profissionalização dos atores, a inovação servicial e a promoção da saúde, especialmente por meio do reconhecimento mútuo proporcionado pelas trocas sobre o trabalho real. O minicurso reforçou que a construção de Ecosistemas Cooperativos Territorializados depende da criação de espaços organizados de reflexão coletiva, capazes de fortalecer objetivos comuns e sustentar processos de cooperação ao longo do tempo.

A confiança como força transformadora

O minicurso A confiança como força transformadora, ministrado por Teresa Correa e Gustavo Salas (Cecosesola), com coordenação de William Azalim e Marcelo Souza (UFMG), aprofundou a discussão sobre a confiança como um recurso imaterial essencial para os processos cooperativos. A atividade foi conduzida de forma dialogada, a partir

das perguntas e experiências compartilhadas pelos participantes.

Os palestrantes apresentaram a confiança como resultado do compartilhamento de responsabilidades, da autonomia para a tomada de decisões e da construção coletiva de critérios de ação. Destacaram ainda que os imprevistos e as dificuldades não representam fracassos, mas oportunidades de aprendizagem coletiva. Nesse sentido, a confiança foi apresentada como

elemento fundamental para fortalecer os processos de cooperação, favorecer a reflexão sobre o trabalho e sustentar transformações organizacionais e territoriais.

Alimentação durante o evento

A alimentação foi um ponto de destaque no 3º seminário da Economia da Funcionalidade e Cooperação de Maricá, refletindo nosso compromisso em integrar produtores locais ao projeto. Diferentemente do ano anterior, onde não houve participação de atores do ECT envolvidos na alimentação do seminário, este ano houve a integração dos produtos e dos empreendimentos locais ao evento.





No primeiro dia, contamos com a integração por meio do Empório I Piatti, que forneceu toda a alimentação com farinhas e massas artesanais sem glúten, fabricadas a partir de insumos da agricultura familiar local, para o coffee break e o almoço. No segundo dia, a coordenação da alimentação foi da responsabilidade da AFEMARICÁ, utilizando produtos locais dos seus associados tanto no coffee break quanto no almoço. O retorno dos participantes foi extremamente positivo, tanto em relação ao sabor quanto ao propósito de fortalecer o vínculo entre a comunidade local e o evento.

Jantares pós eventos - Experimentação: Banquete da confiança

Os jantares foram pensados como uma oportunidade para ilustrar, na prática, como produtores e restaurantes podem trabalhar juntos. Os cardápios foram criados em conjunto com os restaurantes, levando em conta os produtos disponíveis e a sazonalidade local, valorizando o que os pequenos produtores têm a oferecer.

Sendo assim, mais do que apenas um momento especial durante o seminário, esses jantares tiveram o potencial de gerar aprendizados importantes para os próximos passos do ECT. A intenção é que eles sejam o primeiro passo para algo maior, com reuniões frequentes objetivando gerar reflexão sobre a prática, melhorias na logística e iniciativas que realmente conectem as pessoas e o território. Portanto, esse momento de experimentação ajudou a identificar os desafios e potencialidades dessa relação, contribuindo para que ela evolua e se consolide ao longo do tempo.



Nas duas frentes de trabalho – produtores e consumidores coletivos (restaurantes) – as etapas definidas foram organizadas da seguinte forma:

- 1. aproximação** – visitas iniciais ao local do produtor ou do bar/restaurante para apresentação do projeto do ECT, compreensão do trabalho e confirmação do interesse em participar do projeto;
- 2. aprofundamento** – compreensão do funcionamento global de cada ator, com análises de aspectos centrais do negócio como: o trabalho realizado, a proposição de valor (materiais e imateriais), os modos de contratualização, os modos de acumulação e os modos de governança.
- 3. observação** – Acompanhamento aprofundado das rotinas de trabalho em seus locais de produção;
- 4. validação** – consolidação das informações obtidas. O objetivo é confirmar os dados levantados, trazer questões ao debate, identificar potencialidades, apresentar desafios e definir o foco de atuação para a experimentação.

5. experimentação - momento de colocar em prática as ações planejadas em conjunto na validação e acompanhar seus desdobramentos. Essa etapa é caracterizada por iniciativas práticas entre os atores envolvidos, gerando um espaço de aprendizado prático e contínuo.

Durante o processo, percebemos que essas fases não precisam ser completamente concluídas para dar início à etapa seguinte, além de serem cíclicas, permitindo constantes retornos para observar, validar, aprofundar e experimentar conforme necessário.

Dentre os participantes da experimentação, contamos com quatro produtores (Sítio Callateria, Sítio BeniNaza, Horta Holeiro Real e Sítio/ Manjerição Distribuidora de Alimentos), dois restaurantes/bares (Restaurante Divinus e Bar Beira-Mar) e os acadêmicos do projeto ECT de Maricá da UFRJ. No dia do jantar, estiveram presentes os atores da experimentação, incluindo acadêmicos da UFRJ, produtores, restaurantes, pesquisadores da UFF, UFMG, UFAM, Université Lyon, Laboratório Atemis França e ICTIM. O menu foi produzido em sua maioria com insumos dos produtores locais.

Para viabilizar o jantar, foi necessário elaborar um cardápio inicial, pensado previamente com base nos pratos já oferecidos pelos restaurantes e cruzando com a produção disponível dos agricultores locais. A escolha dos cultivares revelou o domínio da técnica de plantio de hortaliças em um ambiente litoral por parte dos produtores locais, bem como evidenciou a tradição local no cultivo de aipim.

Por fim, foram planejadas a logística de entrega e considerações específicas para o recebimento da produção. A logística contou com a colaboração entre os produtores, que se auxiliaram nas rotas de entrega, concentrando os insumos em um único local para posterior distribuição.



Visitas técnicas pós seminário

No dia 12 de dezembro, como atividade de intercâmbio entre os(as) pesquisadores(as) visitantes e os diferentes trabalhadores dos projetos realizados no município de Maricá, fizemos três visitas técnicas: Praça Agroecológica de Araçatiba, mantida pela Cooperativa de Trabalho em Assessoria a Empresas Sociais em Assentamentos de Reforma Agrária (Cooperar); Restaurante Escola e Empório I Piatti, organizações integrantes do projeto Bem Viver Alimentar.



Na Praça Agroecológica de Araçatiba, a equipe técnica da Cooperar contou um pouco sobre a finalidade do projeto, um espaço técnico e pedagógico de divulgação e fortalecimento da agroecologia do município; sobre as atividades realizadas na praça e apresentou seus canteiros para os pesquisadores-visitantes.

O Empório I Piatti é dividido em três áreas: fábrica, cozinha e área gourmet. Os convidados participaram de um almoço em três tempos contendo produtos desenvolvidos e fabricados no local e servido na área gourmet. Destaca-se que a empresa desenvolveu produtos sem glúten, com elevado teor de proteínas (farinhas e massas), utilizando produtos abundantes no território de Maricá como matéria-prima, como aipim, feijão guandu e taioba. O desenvolvimento das farinhas e as receitas provenientes são o destaque de inovação do Empório. As iniciativas foram muito bem recebidas pela equipe de palestrantes-pesquisadores, que puderam esclarecer dúvidas e ampliar o conhecimento em relação ao que foi apresentado nos dias do seminário.

▶▶ 3 | Seminários anteriores

1º Seminário EFC Maricá - 2022

O primeiro seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC) pode ser considerado o marco zero do projeto. Com o objetivo de apresentar casos concretos de transformação de modelo econômico baseado na EFC, foi possível discutir a vontade do desenvolvimento do ecossistema do bem viver alimentar na cidade de Maricá.

O evento foi realizado no Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), no Município de Maricá/RJ, entre 13 e 14 de junho de 2022. Teve como tema orientador: “A Economia da Funcionalidade e da Cooperação e o Desenvolvimento Territorial Maricá e o ecossistema da alimentação saudável”.

Dentre as entidades participantes, estiveram presente: ICTIM, Secretaria de Economia Solidária, Secretaria de Educação, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Secretaria de Saúde, Secretaria de Agricultura, Pecuária e Pesca, Secretaria de Cultura, Restaurante Popular Mauro Alemão, Tomates do Brasil, Cooperar, Açougue Vegano, Restaurante Escola, Empório I Piatti, Ação da Cidadania, UFRJ, UFRRJ, UNIRIO, UFMG, UFAM. O seminário contou também com a participação do professor Christian professor aposentado da Université Paris Diderot Paris 7, professor convidado da UFMG e um dos fundadores do Laboratório de Intervenção e Pesquisa ATEMIS, e do Instituto Europeu da Economia da Funcionalidade e da Cooperação.



Link para gravações do evento:

[1º Seminário EFC 2022 \(1º dia\)](#)



Link para gravações do evento:

[1º Seminário EFC 2022 \(2º dia\)](#)



2º Seminário EFC Maricá - 2023

O 2º seminário EFC Maricá teve como foco debater as novas abordagens econômicas territoriais e as dinâmicas de relação com o trabalho dentro de um processo de transição do atual modelo industrial, financeirizado e globalizado. Com o título “Novas Economias, Território, Trabalho e Transição - 2º Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação de Maricá”, foi realizado nos dias 12 e 13 de dezembro de 2023, no Espaço Diamond Eventos, localizado na Rua Clarice Lispector, 54A em Itapeba, Maricá. Dessa vez, além do suporte do ICTIM, contou com o apoio financeiro da FAPERJ e da FINEP.

A abertura do evento, com a mesa “A transição e a articulação dos desafios ecológicos, econômicos e sociais”, o professor Christian du Tertre (ATEMIS, IEEFC e UFMG) trouxe para o centro do debate a importância do trabalho real, da cooperação e do engajamento como pilares fundamentais para a superação do hiperconsumismo, da financeirização e da globalização.

Na segunda mesa, “Emancipação no e pelo trabalho: trabalho e território”, os professores Francisco Lima (UFMG) e Valérie Pueyo (Université Lumière Lyon 2) apontaram para



os desafios do antropoceno destacando o trabalho como problema, mas como potencial de solução. Visando uma transição social e a construção de um futuro desejável, a partir de referências de projetos concretos e realizáveis, que alimentam a utopia.

Thierry Debuc (ATEMIS) trouxe à tona o tema da governança e da organização dos Ecossistemas Cooperativos Territorializados (ECTs), como forma de atender as necessidades do território, a partir da integração entre bens e serviços, conduzidos por organizações reflexivas. Nesse sentido, Timothée Huck (Jardins de la Voie Romaine) apresentou a experiência de inserção profissional por meio da produção de alimentos orgânicos e promoção do turismo, e da convivência, por meio da construção de 'terceiros lugares'. No segundo dia, Julian Addad complementou a palestra, com a apresentação da Rede Cocagne, que opera com vendas e redistribuição de produção orgânica, e inclui educação, promoção de laços sociais, desenvolvimento territorial e oferece acompanhamento profissional e mediação em jardins compartilhados. Uma terceira experiência francesa foi apresentada por Martin Bobbel, da Rede Resourcerie, que trata da inserção profissional por meio da Economia Circular (EC) e Economia Social e Solidária (ESS), através da recuperação de objetos, equipamentos, utensílios e maquinários que seriam destinados ao lixo.

Nessa edição, foi articulada a parceria com outras experiências de referência na América Latina, dessa vez: Chile e Argentina. Manuel Farias e Claudia Razeto, da Fundação Chile, trouxeram a experiência da RedCooperativa composta por 47 cooperativas de diversos setores, e a experiência das Caletas Sustentáveis, que trata do desenvolvimento produtivo, do fortalecimento de redes comunitárias e da conservação sustentável dos recursos nas baías e enseadas chilenas. Luís Levin e Marcela Saldívia, do Instituto Nacional de tecnologia Industrial, abordaram as experiências das cooperativas argentinas e seus desafios, como a confiança nas relações cooperativas, dos processos de escuta, da busca por processos contínuos de aprendizagem coletiva, e o destaque para a transdisciplinaridade para a transformação de hábitos coletivos e construção da memória coletiva dos territórios.

Outra novidade da edição foi a promoção de workshops temáticos possibilitando maior dialogicidade entre os participantes. Ao todo, foram realizados 5 de maneira simultânea, divididos por experiências: Argentina, Manaus, Chile, Belo Horizonte e Maricá.

Na mesa 'A Economia da Funcionalidade e da Cooperação, a Economia Social e Solidária e a Economia Circular: diferenças, convergências e articulações', os debatedores fizeram um breve relato histórico das abordagens de maneira crítica, e apontam o cuidado para ações que aparentam transformações, mas não tocam na mudança do modelo industrial, por exemplo, quando reciclam parte da matéria prima, mantém o uso desenfreado de recursos materiais. O ponto da governança também foi destacado como central para a transição societal, seus limites e potencialidades em cada trajetória.

O segundo seminário foi marcado também pelas visitas técnicas às experiências do município, realizadas na Unidade da Cooperar na Fazenda Pública Joaquín Piñero e no Empório I Piatti.



Link para gravações do evento:

[2º Seminário de Economia da Funcionalidade e da Cooperação e o Desenvolvimento Territorial \(2º dia\)](#)

Link das palestras:

[Palestras 2º Seminário - 2023](#)



4

O projeto Ecossistemas Cooperativos e Desenvolvimento Local na Cidade de Maricá (Projeto ECT Maricá)



O projeto “Ecossistemas Cooperativos e Desenvolvimento Local na Cidade de Maricá” é uma parceria entre o Programa de Engenharia de Produção, da COPPE/ UFRJ (a partir da Fundação COPPETEC), e o Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM). Com base no referencial da Eco-

nomia da Funcionalidade e da Cooperação e na formação de mestres e doutores nesse referencial, o objetivo central é apoiar o desenvolvimento do território de Maricá, através da integração dos atores que atuam em diferentes áreas como alimentação, saúde, cultura e economia criativa.

A noção de Ecossistema Cooperativo Territorializado (ECT) é resultado de interesses comuns de atores que compartilham investimentos materiais e/ou imateriais, que possuem necessidades de manter uma performance de uso em comum e de buscar lidar com as externalidades a partir da cooperação. O termo “ecossistema”, emprestado da ecologia, quando utilizado na economia, faz alusão a agrupamentos de atores que atuam em torno de interesses comuns (por vezes ambiental, econômica ou social) com base em compartilhamento de informação, de conhecimento, de recursos materiais e imateriais.

A representação do ecossistema cooperativo envolve uma série de atores e suas múltiplas relações, por isso, é representado de forma múltipla e diversa (DU TERTRE; VUIDEL; PINET, 2019). Segundo Lima et al., 2019, os ecossistemas cooperativos, desde que mantenham relações diretas entre os atores envolvidos, sejam produtores ou consumidores, beneficiários, se manifestam territorialmente e podem ocupar espaços em escala local, nacional ou mesmo internacional.

As ações do projeto acompanhamento para a construção de um Ecossistema Cooperativo Territorial (ECT) em torno da alimentação saudável, composta de 3 etapas: (1) visitas de campo iniciadas em 2022, visando conhecer a atividade dos atores locais como produtores, restaurantes, associações de consumidores, entre outros; (2) formação de um grupo piloto, que inclui produtores e consumidores coletivos, visando a construção participativa do ECT; e (3) pilotagem do ecossistema. Essas ações vêm sendo acompanhadas por momentos de retorno de experiência (REX) entre a equipe de pesquisadores.

Nessa perspectiva, a Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC) e a Ergonomia da Atividade oferecem caminhos para pensar definições alternativas, e situadas, de desempenho econômico colocando a questão do trabalho no centro da dinâmica de criação de valor no território, sem perder de vista as relações econômicas e sociais (DE GASPARO; DEBUC; GUYON, 2016; DU TERTRE, 2018).

O referencial da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC) tem como um de seus pilares a centralidade do trabalho para a vida dos cidadãos e das cidades. Afirmar que existe uma centralidade do trabalho, é reconhecer que ele se situa na convergência da vida social, econômica e política (enquanto viver, agir e decidir coletivamente). É compreender, assim, que o desenvolvimento territorial passa pela transformação do trabalho ou, dito de outra forma, pela integração da dimensão do trabalho em seus projetos de geração de renda.

- Desafios ambientais (caracterizado pelas mudanças climáticas, esgotamento de recursos naturais, ...);
- A perda de sentido do trabalho (ausência de reconhecimento, depressão e suicídios,) e
- A desigualdade social (desemprego, renda insuficientes, ...)



ecossistemasmarica.com.br

clubefcrio.org.br

►► 5 | Perspectivas

O Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação (EFC) de Maricá representa uma oportunidade significativa para refletir sobre modelos econômicos inovadores e sustentáveis, alinhados às necessidades contemporâneas de desenvolvimento local e global. A partir das discussões e experiências compartilhadas no evento, é possível traçar algumas perspectivas futuras para a consolidação e expansão desses conceitos em Maricá e além:

Consolidação de Maricá como Modelo de Referência

- Maricá tem o potencial de se tornar um exemplo nacional e internacional de aplicação prática da Economia da Funcionalidade e da Cooperação. A continuidade de políticas públicas alinhadas a esses princípios, como o uso da moeda social Mumbuca, pode fortalecer a economia local e promover a inclusão social.
- A cidade pode servir como um laboratório vivo para testar e aprimorar iniciativas que integrem sustentabilidade, cooperação e funcionalidade, inspirando outras regiões a adotarem abordagens semelhantes.

Expansão de Redes de Cooperação

- O seminário pode catalisar a formação de redes de cooperação entre atores locais, como empresas, cooperativas, governo e sociedade civil. Essas redes podem ampliar o impacto das iniciativas existentes e fomentar novos projetos colaborativos.
- A criação de parcerias com instituições acadêmicas e organizações internacionais pode trazer novos conhecimentos e recursos para fortalecer a EFC em Maricá.

Fortalecimento da Educação e Capacitação

- A educação e a capacitação são pilares fundamentais para a disseminação da EFC. A criação de programas de formação e workshops contínuos pode empoderar a população, incentivando a participação ativa na construção de uma economia mais justa e funcional.

Atração de Investimentos Sustentáveis

- A visibilidade gerada pelo seminário pode atrair investimentos de impacto e financiamentos verdes para projetos alinhados à EFC. Esses recursos podem ser direcionados para infraestrutura, empreendimentos cooperativos e iniciativas de desenvolvimento comunitário.
- A criação de um fundo local para apoiar iniciativas de Economia da Funcionalidade e Cooperação pode garantir a continuidade e a escalabilidade dos projetos.



Integração com Agenda Global

- A EFC em Maricá pode se conectar com agendas globais, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, destacando-se como uma iniciativa alinhada à redução das desigualdades, ao combate às mudanças climáticas e à promoção de cidades e comunidades sustentáveis.
- A participação em fóruns internacionais e a troca de experiências com outras cidades que adotam modelos semelhantes podem ampliar o impacto e a visibilidade das iniciativas de Maricá.

Monitoramento e Avaliação de Impactos

- A implementação de sistemas de monitoramento e avaliação contínuos pode garantir que os projetos da EFC em Maricá estejam gerando os impactos desejados, tanto em termos econômicos quanto sociais e ambientais.
- A transparência e a divulgação dos resultados podem fortalecer a credibilidade das iniciativas e atrair mais apoio da comunidade e de parceiros externos.

Cultura de Cooperação e Bem-Estar Coletivo

- A EFC tem o potencial de promover uma cultura de cooperação e bem-estar coletivo, onde o sucesso é medido não apenas pelo crescimento econômico, mas pela qualidade de vida e pela sustentabilidade.
- A valorização dos saberes locais, das tradições culturais e das relações comunitárias pode fortalecer a identidade de Maricá como uma cidade inovadora e socialmente responsável.

Em resumo, o Seminário da Economia da Funcionalidade e da Cooperação de Maricá pode ser um ponto de partida para transformações profundas e duradouras. Com planejamento estratégico, engajamento comunitário e parcerias sólidas, Maricá tem a oportunidade de se destacar como um modelo de desenvolvimento sustentável e inclusivo, inspirando outras cidades a seguirem o mesmo caminho.

